



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 50

Claudio Ferraz faz do Brasil um laboratório para a democracia no mundo

Branca Vianna: Nosso convidado de hoje é um economista meio differentão, tanto nos temas que ele escolhe, como nos métodos de pesquisa. Ele se chama Claudio Ferraz, é professor da PUC-Rio e da Universidade de British Columbia, no Canadá. As pesquisas que ele faz parecem mais ensaios clínicos, com grupo de controle e tudo. E ele vai atrás de saber coisas como: O que acontece numa eleição se a população sabe que o prefeito é corrupto? Vão reeleger o cara? Ou vão punir o cara nas urnas? Ou então: o que é melhor para o desenvolvimento de um país, que ele seja uma ditadura, ou que ele seja uma democracia? Além de quais são as políticas públicas mais eficazes para melhorar a educação, ou para melhorar a saúde da população.

Enfim, ele está atrás de saber o que de fato dá certo no mundo real para melhorar a vida das pessoas. E o que melhora a vida das pessoas é um assunto que a gente trata bastante aqui no Fio. A gente já falou sobre tarifa zero no transporte público, reforma eleitoral, atividade física no SUS, alimentos ultraprocessados, cotas no ensino superior, regulação das redes e muitas outras coisas. E hoje vamos falar sobre como avaliar políticas públicas direito, para saber o que dá certo de verdade. O Vitor Hugo Brandalise estava comigo nessa entrevista.

Branca Vianna: A gente vai começar do mais básico da face da terra, que eu quero que você explique para gente o que é economia política. Que é isso que você faz... explica de um jeito que a gente entenda.

Claudio Ferraz: Então, na verdade, se você perguntar para economistas o que é que significa economia política, tem duas vertentes sobre o que é que significa. A economia, ela nasceu como economia política. Então, se você voltar para David Ricardo, Adam Smith... naquela época se chamava Economia Política. S se chamava Economia Política porque a economia, a ciência política, a sociologia... tudo isso estava junto, estava misturado. Conforme a economia foi ficando uma ciência mais exata, ela se separou da ciência política, se separou da sociologia. Então, existia um pouco essa ideia que a economia era muito mais científica que outras coisas. Obviamente, esse mundo, digamos assim, que os economistas têm no livro-texto perfeito, não acontece, não funciona desse jeito. Então, o que aconteceu é que ali, a partir de mais ou menos a década de 70, mas principalmente a partir de 80, vários economistas quiseram trazer de volta para economia aspectos políticos, ou seja: por que o mundo não funcionou tão perfeito assim?

Por que é que, quando você faz reformas, elas saem pela culatra? Porque governos gastam muito mais do que deveriam gastar e causam hiperinflações? Como é que você explica essas coisas? Então, surge uma nova área que mistura aspectos da ciência política, mas trazendo para dentro da economia para entender por que você tem, muitas vezes, coisas que não funcionam como deveriam funcionar no livro-texto tradicional, etc. Então, essa é, digamos assim, uma das áreas de como surge essa área de economia política. A outra, que até foi a que ganhou o Prêmio Nobel ano passado, o Daron Acemoglu, o James Robinson, etc, era para explicar porque alguns países são mais pobres que

outros. Também existia toda uma área de desenvolvimento econômico que tentava explicar isso sem trazer para dentro instituições, política, etc. Então, tem esses dois... digamos assim, nascimento diferentes dessa área de economia política, que traz para dentro da economia tradicional aspectos de ciência política, de sociologia e de outras áreas.

Branca Vianna: Até de psicologia, né?

Claudio Ferraz: E até de psicologia, também.

Branca Vianna: Porque se fala muito do comportamento das pessoas. Sei lá, se aumenta ou diminui um imposto, você acha que vai acontecer x, e as pessoas fazem y.

Claudio Ferraz: Totalmente.

Branca Vianna: E a tua área é o que? Como você explica, assim explicaria para quem não te conhece?

Claudio Ferraz: Então, o que eu faço é trazer - dentro de desenvolvimento econômico, eu continuo interessado nisso, continuo interessado em questões como... como é que a gente reduz a pobreza, como é que a gente reduz a desigualdade, como é que o governo provê educação de melhor qualidade ou saúde de melhor qualidade; mas, em vez de estudar isso isolado do sistema político, eu estudo isso junto com o sistema político, então eu trago para dentro dessas questões, questões que estudam porque isso não funciona na prática. Então, talvez a maior dessas que eu estudei durante muitos anos, e continuo estudando, é a corrupção. Ou seja, por que é que governos falham em fazer coisas quando não deveriam falhar, por exemplo.

Branca Vianna: Dá um exemplo.

Claudio Ferraz: Uma das primeiras coisas que eu fiz, que é bem prático, é, por exemplo, estudar corrupção em educação no Brasil. Quando eu estava no

doutorado, naquela época ali, 2001, 2002, 2003 - começaram a sair vários escândalos nos municípios brasileiros, de dinheiro que era desviado. Então dinheiro que é desviado para merenda escolar, dinheiro que deveria ir para treinamento de professores, dinheiro que deveria estar indo para compra de equipamento, de computadores... e, ao mesmo tempo, o que você observa no Brasil é que não existe uma correlação muito forte entre a quantidade de dinheiro que os municípios gastam e a qualidade escolar.

Branca Vianna: Quer dizer, gastar mais dinheiro não te garante que as escolas são melhores?

Claudio Ferraz: Exatamente. Então, se você mede qualidade, por exemplo, com a Prova Brasil e o Ideb, que são índices de qualidade de educação no Brasil, e você faz uma correlação de quanto que os municípios gastam, na média, você não compra, digamos assim, muito mais qualidade gastando mais. E aí a pergunta é: por que? Na época, o que a gente se perguntou é: será que parte disso não é corrupção? Será que parte disso não é que parte desse dinheiro que no papel está como gasto, na verdade, desaparece. E aí a gente - na época foi uma coincidência muito boa para a gente - que o Brasil começou, naquela época, um programa de fiscalização de municípios, onde a CGU, que é a Controladoria-Geral da União, aleatoriamente selecionava municípios para mandar auditores e checar o que estava acontecendo com os recursos. E essa informação ficou disponível na internet, tinham relatórios, etc. Então, a gente usou essa informação para, pela primeira vez, quantificar uma coisa que é super difícil de quantificar, que é corrupção. Como qualquer crime, você não sabe quanto que desaparece. Como é que se faz para descobrir isso?

Branca Vianna: Porque, nessas auditorias, dizia: esse dinheiro aqui foi desviado...

Claudio Ferraz: Exatamente.

Branca Vianna: Esse dinheiro que era para vir para cá não veio.

Claudio Ferraz: Exatamente. Os auditores chegam no município, por exemplo, e aí diziam: “Ah, esse município recebeu 3 milhões no último ano para a merenda escolar, mas quando a gente foi ver nas escolas, etc, o que a gente viu é que, na verdade, o que era repassado para a merenda não equivale nem a 1 milhão”, ou coisas do tipo. Uma escola que foi renovada, que você gastou dinheiro, os auditores chegavam lá e a escola não tinha sido renovada, não tinha a tal quadra de esporte.

Branca Vianna: Quer dizer, fizeram uma reforma aqui, só que não.

Claudio Ferraz: Ônibus escolares, por exemplo, supostamente foram comprados e chegaram lá os ônibus não estavam. Então, o que a gente fez foi juntar essas informações. A gente pegou dados de qualidade da educação de prova, que é a Prova Brasil que os municípios fazem, e juntou com dados de corrupção que aconteciam na educação, mostrando exatamente que - como se esperaria - que lugares onde se tinha muito mais corrupção e o dinheiro desaparecia, a qualidade escolar era muito menor.

Branca Vianna: Então, a premissa de que se você gasta mais no seu município, você gasta mais, você vai ter melhor educação, ela continua válida - porque na verdade esses caras não estavam gastando mais, eles estavam gastando menos.

Claudio Ferraz: Exatamente.

Branca Vianna: Eles estavam mentindo que estavam gastando mais, fingindo.

Claudio Ferraz: Exatamente, parte é isso.

Branca Vianna: Então, essa premissa continua de pé: de que, se você gasta mais, você tem uma educação melhor?

Claudio Ferraz: Então, isso é uma boa pergunta. Sim e não. Outra coisa que a gente mostra, que é interessante, no paper também, é que, além de corrupção,

de dinheiro que desaparece, também tem muita má gestão, ou seja: que você gasta errado.

Branca Vianna: Sei.

Claudio Ferraz: Então, aí você cai em outra discussão no Brasil, que é uma discussão antiga no Brasil, que: “Ah, o Brasil não gasta pouco, ele gasta mal”. No Brasil, é uma mistura das duas coisas. O Brasil sim, ele gasta menos do que deveria comparado a países muito mais ricos, mas o Brasil realmente gasta muito mal em várias coisas. Educação é uma delas. O que é importante na educação são os professores. Sim, se você tiver computador, isso importa na margem. Sim, se você tiver ar condicionado e as crianças não estiverem morrendo de calor, isso importa, mas assim, muito menos do que a qualidade dos professores. Então, é verdade, se você gasta mais, na média, mesmo sem corrupção, pode ser que você não tenha um aumento de qualidade da educação nesse caso, porque você está gastando mal. Você está gastando não nas coisas que geram maior resultado em termos de aprendizagem.

Branca Vianna: O método que vocês usam para descobrir essas coisas é super interessante, porque parece um ensaio clínico de medicina, daqueles que você vê: “Não, você tem um grupo de controle, aí você tem não sei o que”. Como é que você faz isso com populações inteiras, ou com cidades, ou...?

Claudio Ferraz: Isso veio um pouco assim... eu tive muita sorte. Quando eu estava fazendo doutorado, essa revolução que aconteceu na economia, que muita gente chama de revolução de credibilidade, que é você trazer para dentro da economia algo que... ou seja diretamente muito parecido ao ensaio clínico, ou o que a gente chama de um experimento natural, que é assim: você não está fazendo aquele ensaio clínico, mas o que está acontecendo no mundo é quase como se aquele ensaio clínico estivesse acontecendo.

Branca Vianna: É o caso desse teu estudo da CGU!

Claudio Ferraz: Exatamente

Branca Vianna: Que você tem um município que é vizinho e não tem essa auditoria, o outro que tem... mas não foi você que organizou.

Claudio Ferraz: Isso te permite exatamente ter esse grupo de comparação para analisar, por exemplo, políticas públicas. E o Brasil é muito rico nesse tipo de coisa. A gente tem um estudo muito curioso, por exemplo, um pouco antigo, onde a gente se perguntava o que acontece se você pagar mais aos políticos. Então, a gente tem essa ideia de que os políticos desviam muito dinheiro, que é um absurdo, “como que a gente está pagando salários assim?”... e, na verdade, não é óbvio. Na verdade, pode ser o contrário, pode ser que, na verdade, o que a gente quer é uma classe política que fosse totalmente profissional e que não fizesse outras coisas, e que se você pagasse mais aos políticos, na verdade você teria menos corrupção.

Branca Vianna: Porque eles não iam querer roubar? Porque eles iriam ter um bom salário?

Claudio Ferraz: Por um lado, porque eles não iam querer roubar, por outro lado, porque você atrairia pessoas melhores. E aí o Brasil nos gerou esse experimento natural, porque houve uma reforma constitucional que estabeleceu um teto de quanto é que os municípios podiam pagar os seus vereadores. E que isso dependia completamente da população dos municípios. Então isso gerou que, por exemplo, se você tinha municípios muito parecidos, um com 11 mil habitantes e outro com 9 mil habitantes, e a partir de 10 mil você podia pagar, por exemplo, 10%/15% a mais os vereadores do que no município de 9 mil pessoas. Isso nos gerou esse experimento natural, de que os vereadores estão potencialmente ganhando mais, e outros que os vereadores estão potencialmente ganhando menos. E a gente se pergunta: será que isso atrai gente mais qualificada? E aí a resposta é: sim. Isso atrai gente mais qualificada, isso atrai candidatos muito mais escolarizados, com ocupações passadas que a princípio são mais qualificadas. Os vereadores querem ficar mais, então se candidatam mais à reeleição, como também alguns efeitos sobre produtividade, digamos assim, legislativa, quanto é que eles trabalham, quantas leis eles

passam. Então assim, contrário ao que muita gente acreditaria, que na verdade é um bando de vagabundo e porque que a gente vai ficar pagando essas pessoas, na verdade, a gente mostra que, pelo menos em governos locais, pagar mais tem um efeito. Um efeito significativo.

Branca Vianna: A gente conversou aqui com o Roberto Andrés, falando sobre Tarifa Zero, e uma das coisas que ele falou é que nos municípios em que foi instituída a tarifa zero, a população adora, obviamente, e o prefeito é reeleito. E você estuda isso também, né? Qual o efeito das políticas públicas nas populações, como as populações vão reagir, por exemplo, se a população descobre que o prefeito roubou todo o dinheiro da educação - como nesse exemplo que você falou dessas auditorias da CGU. Como é que você estuda isso? Se a população vai reeleger o cara, se não vai, se vai não reeleger esse cara, mas vai eleger um outro que é tão corrupto quanto, como é que funciona?

Claudio Ferraz: É, o que a gente usou é de novo essa ideia de experimentos naturais. Esse caso da CGU, ele era bem interessante, porque a maneira que a CGU escolhia onde eles iam fazer as auditorias era literalmente através de um sorteio. A cada dois meses, mais ou menos, eles selecionavam 60 municípios aleatoriamente, e aí, o que a gente pensou, assim: “Pô! Olha que coisa incrível!”. A gente vai ter municípios onde, aleatoriamente, através dessa loteria, esses resultados da CGU que os auditores encontraram, etc, saiu para o público. As pessoas vão ficar sabendo disso. E outros municípios, que como só foram auditados depois da eleição, naquela época era outubro, também por causa de uma loteria, a gente vai ficar sabendo depois se o prefeito era corrupto ou não, mas na época os eleitores não ficaram sabendo, só ficaram sabendo tarde demais depois que...

Branca Vianna: Depois de votar no cara.

Claudio Ferraz: Talvez já tinham votado na pessoa. E uma coisa que nos surpreendeu, na verdade, muito, nesse estudo, não foi nem mostrar que quando saía informação de corrupção, os eleitores puniam o prefeito: então, a probabilidade de reeleição do prefeito caía em 25%. Isso já foi, assim, para

algumas pessoas que diziam: “Ah, em países em desenvolvimento as pessoas são muito pouco escolarizadas, ninguém se preocupa com isso, não tem nenhum problema”. Então foi meio que um banho de água fria em muita gente que dizia assim: “Vocês não vão encontrar nada, não vai ter feito nenhum”, etc. Então isso foi um resultado importante, na verdade, é considerado, acho que, na literatura, até um resultado importante mostrar que você não precisa de eleitores super sofisticados para entender que se tem um prefeito roubando dinheiro que deveria ir para a merenda do filho dessa pessoa, essa pessoa vai votar, mesmo que ela não seja super escolarizada. Mas o que foi interessante também é que a gente mostra que, quando a CGU foi lá e encontrou que não tinha nenhum indício de corrupção, os eleitores reelegem muito mais. Ou seja, tem uma premiação gigante para o prefeito que não está roubando. O que para a gente foi curioso, porque assim, é meio que uma surpresa. Todo mundo espera que todo prefeito roube um pouquinho.

Branca Vianna: Eu acho que isso aí que está por trás, né?

Claudio Ferraz: É. E se o prefeito, ele é limpo...

Branca Vianna: O esperado é que o prefeito roube, aí quando o prefeito não rouba, aí você diz: “Ai que bom, o meu não rouba, eu vou votar nele”.

Claudio Ferraz: Exatamente.

Branca Vianna: Que coisa...

Claudio Ferraz: Então, foi super surpreendente. Isso foi o resultado que a gente achou super interessante, que é... É, realmente, mesmo essa surpresa positiva, ela tem esse efeito, esse efeito grande.

Branca Vianna: Eu li no livro da Esther Duflo, que você me recomendou, que chama *A Economia dos pobres*, para quem quiser ler. As perguntas que são feitas são perguntas que você diz assim: “Bom, gente, é óbvio que a gente sabe a resposta dessa pergunta, você está fazendo o que aí?”. Então, uma que me

impressionou, que eu não esqueci, era assim: famílias pobres que tem muitos filhos - então a família muito pobre, que tem, sei lá, nove filhos. Aí você diz: “Bom, isso é bom ou ruim para a família?”. E eu lendo isso, dizia: “Duh! É ruim!”. Como é que a pessoa vai criar nove filhos, vai educar nove filhos, vai ter problema de saúde, enfim. Mas não, né? Vocês partem do princípio de que eu não sei, eu vou testar. E o resultado da verdade é que, nesse caso específico das famílias, tem mil coisas que se pode dizer: “Não, pode ser que seja bom ter nove filhos”.

Claudio Ferraz: Eu acho que, em geral, a economia teve essa revolução, que foi passar de modelos, digamos, teóricos matemáticos, para a empiria, que ao ser muito mais aplicada, abre essa janela de você se fazer perguntas que, assim, “Ah, esse modelo matemático nos diz isso, parece meio óbvio. Vamos levar para os dados, vamos ver se isso é verdade”. E muitas vezes não é verdade. E não é verdade por vários motivos. Um, porque a teoria, ela pode estar errada, os pressupostos eles podem ser simples demais. Outros porque a gente pode ter *trade offs* importantes. Por exemplo, esse exemplo que você deu, que na verdade é uma discussão que volta até os anos 70, de um grande economista, que foi o Gary Becker, um economista de Chicago, que foi um dos primeiros a falar nessa discussão de qualidade/quantidade, que em países muito pobres, parte do motivo que as pessoas tinham muitos filhos lá atrás, há 100 anos atrás, era porque a mortalidade infantil era gigante. Então, as pessoas não tinham incentivo de fazer investimento em capital humano, como ele chamava, na época, porque a probabilidade de você não ter mais o seu filho ali com três, quatro anos de idade, era muito, muito alta.

Branca Vianna: Investimento em capital humano é tipo, educação?

Claudio Ferraz: Educação, exatamente. E cuidado, e mesmo alimentação, etc. Então tem algumas coisas que surgem da economia, que não são óbvias se você pensar antes, mas que abrem essas perguntas e que te permitem, usando dados, responder coisas que às vezes não são óbvias.

Branca Vianna: E esses estudos que vocês fazem, isso volta para os formuladores de política pública? Quer dizer, vocês têm... você. Você, especificamente, tem interação com governos federal, estadual, municipal, gente que quer olhar as suas pesquisas e dizer: “Ah, legal isso aqui. Isso aqui eu vou implementar, isso aqui eu não vou”?

Claudio Ferraz: Sim, eu acho que sim. Assim, o caso da CGU, por exemplo, para mim foi uma experiência super legal, porque eu tinha voltado do doutorado, eu estava fazendo esses trabalhos com interesse muito mais acadêmico, obviamente, na época, mas - e eventualmente - teve um convite de ir lá na CGU, apresentar o trabalho, eles verem os impactos que estavam sendo feitos e algumas conversas sobre, por exemplo, como que você poderia redesenhar o programa para torná-lo ainda mais eficiente. Eu acho que a minha primeira experiência de ir para Brasília, e não só na CGU mas em outros lugares, o MDS, etc, é você como acadêmico perceber... tira um pouco essa arrogância. Porque você percebe que, na verdade, as pessoas que estão lá são inteligentíssimas, trabalham para caramba, e estão fazendo um trabalho excelente. E, mesmo às vezes sem ter um referencial teórico, etc, têm uma intuição que muitas vezes está certa, mas não sempre. E, às vezes, você tem essas coisas, que coisas que parecem óbvias na prática não funcionam desse jeito.

Branca Vianna: Quer ver uma coisa que eu li, acho que eu ouvi você falando, de uma pergunta dessas que parece óbvio, que a gente gostaria que fosse óbvia e não é, é: “O que favorece melhores políticas públicas? Uma democracia ou uma ditadura?”. E aí você dá exemplos dos dois lados. Você diz: “Gente, eu quero que seja democracia, eu não quero viver em ditadura porque vai fazer meu país crescer”. Mas não é exatamente assim. Você acha que vai ser democracia, mas não necessariamente, né?

Claudio Ferraz: O melhor caso disso, eu acho que é o exemplo da Coreia do Sul. A Coreia do Sul conseguiu transformar o país de uma economia pobre rural em 1960, a uma economia que hoje é várias vezes o tamanho do Brasil em termos de PIB, produtividade, etc, num governo não democrático.

Branca Vianna: Na época, não era democrática?

Claudio Ferraz: Não era democrática. A China é outro exemplo disso. Tem algumas coisas que realmente a democracia não ajuda. Agora, tem um valor na democracia em si. Você não quer ser só democracia porque você quer que isso ajude as políticas públicas. Existe um valor na democracia em si, e essas são umas discussões interessantes. Eu sou professor na UBC, no Canadá, em Vancouver. Eu tenho muitos estudantes chineses, e essas discussões aparecem, e é uma discussão... eu não tinha quando era professor no Brasil. Isso foi, para mim, uma coisa muito legal, na verdade, ir para fora. E essas discussões aparecem, que são discussões, assim: “Então, qual é o objetivo? É melhor você ter democracia ou ser pobre, não poder comer?”. Ah, de repente, o estudante chinês está falando lá que ele prefere poder comer e ter o carro dele e não votar. Como é que você equilibra isso? São discussões que são... são discussões complicadas mesmo. Infelizmente, vários países da América Latina, eu acho que a maioria, não está nessa discussão, porque as ditaduras aqui todas foram catastróficas.

Branca Vianna: Catastróficas.

Claudio Ferraz: Mesmo que... mesmo que conseguiram fazer crescer a gente no curto prazo, isso foi a custo de um endividamento gigante, etc. Então, talvez para a nossa vantagem, a gente nem sequer tenha que entrar nessa discussão de maneira... é bastante simples você mostrar quanto catastróficas elas foram.

Branca Vianna: Tem uma outra coisa que eu também queria entender, a diferença entre país que a gente chama de em desenvolvimento e país desenvolvido, se crescimento é igual a desenvolvimento. Quer dizer, o país crescer, a economia do país crescer significa que esse país vai se tornar um país mais desenvolvido? E o que é ser um país mais desenvolvido?

Claudio Ferraz: Então, ótima pergunta. Não. A resposta rápida é: não significa. Um país desenvolvido, na métrica do que eu acho que muita gente estaria de acordo, você vai juntar duas coisas, né? O país crescer é simplesmente você ter

um PIB mais alto, eventualmente, no longo prazo, que é o tamanho da economia por pessoa. Mas você pode ter o tamanho de economia por pessoa que é muito grande, onde uma pessoa é dona de tudo.

Branca Vianna: É...

Claudio Ferraz: Então, assim, parte de uma discussão de desenvolvimento, então traz para dentro uma discussão também de desigualdade. A segunda coisa é que, há muitos anos atrás, a Nações Unidas criou um Índice de Desenvolvimento Humano, porque o ponto era exatamente esse: não adianta só você olhar para o PIB, para o tamanho do bolo do país. Você quer olhar, por exemplo, para a expectativa de vida. Quantas pessoas estão vivendo. Você quer olhar para a mortalidade infantil, você quer olhar para alguma métrica de educação. E aí você pode ir um pouco além disso, você pode dizer: na verdade, um país desenvolvido é um país onde as pessoas são livres, são livres para escolher, elas são livres de escolhas. Um país onde todo mundo é pobre, você não é livre de escolha, você não pode escolher qualquer coisa. E eu diria que, hoje em dia, você não poderia deixar de fora meio ambiente, porque também tem essa ideia de que - obviamente que um país pode crescer muito rápido - destruindo o país inteiro. Se a gente fosse hoje e cortasse a Amazônia inteira, provavelmente, nos próximos dez anos, com ouro, com madeira, com gado, a gente cresceria muito. Mas isso não quer dizer que daqui a 50, a gente conseguiria manter essa renda *per capita*, e a gente estaria perdendo coisas que são difíceis de mensurar pelos economistas, que é, por exemplo, biodiversidade, o valor da floresta e coisas... coisas desse tipo.

Branca Vianna: Depois do intervalo, o Claudio vai explicar como faz pra estudar a desigualdade, quais as consequências pro país dessa desigualdade e o que a renovação política, ou a falta de renovação política, tem a ver com tudo isso.

Branca Vianna: Você estuda a desigualdade, né? Como é que faz para estudar a desigualdade? E o que você faz... você estava falando outro dia sobre consequências da desigualdade, que são além do que a gente imagina, não só que você tem pouca gente rica e muita gente pobre, que é isso que a gente pensa. E eu queria saber o que é, quais são essas consequências.

Claudio Ferraz: A principal, que eu acho que é uma discussão que no Brasil ela não é bem feita - pelo menos talvez seja incipiente agora - mas é entender que a desigualdade, ela tem consequências. Então, assim, durante muito tempo os economistas separaram a questão de eficiência, ou seja, a gente tem que distribuir os recursos da economia da melhor forma possível, da questão de equidade, de as pessoas terem coisas parecidas. Toda a literatura até dos anos 70 argumentava um pouco que é isso: você deveria produzir da melhor maneira e aí você pode botar impostos, e depois você pega esse dinheiro que você coletor de impostos e você pode, se você quiser, dar um bolsa família, dar um seguro desemprego, você pode criar políticas que vão nivelar um pouco a renda das pessoas. Só que a capacidade de crescimento de um país, por exemplo, ela depende do talento daquele país.

E quando a desigualdade - não a desigualdade de que você tem no mercado, que a desigualdade de salários, por exemplo, ou a desigualdade de riqueza quando ela é muito grande - você tem outro tipo de desigualdade também, que é a desigualdade de oportunidades. Ou seja, as pessoas não têm a mesma oportunidade. Eu vou nascer numa cidade rica, de pais ricos, etc, o tipo de saúde que eu vou ter, o tipo de escola que eu vou frequentar, as minhas oportunidades vão ser completamente diferentes de alguém que nasceu no sertão, nordeste, no interior do Ceará, de uma família pobre, etc. Só que talvez essa criança que nasceu lá no interior do Ceará é o novo Einstein, é uma pessoa brilhante. O que a gente gostaria?

A gente gostaria que a oportunidade onde essa criança conseguisse chegar fosse mais ou menos a mesma, que ela tivesse a possibilidade de virar, não sei, um gênio de matemática, de física, um empreendedor. E isso vai contribuir para a produtividade do país. Então, um país que joga fora talentos, na verdade é um

país que não está conseguindo explorar da melhor forma possível a sua capacidade para gerar produtividade. Então, uma das grandes discussões no Brasil, que eu acho que falta, é essa ideia de que você precisa realmente reduzir a desigualdade de oportunidades. Eu não sou o primeiro a falar isso, as pessoas falam isso há 20 anos.

Tem um economista brasileiro, por exemplo, que hoje em dia está em Londres, na LSE, o Chico Ferreira fala disso há muito tempo, não é uma coisa nova, mas é uma coisa que, por algum motivo, ainda não chegou nos tomadores de decisões, de entender que a desigualdade é ruim para o Brasil. Ela gera criminalidade em excesso, ela gera má alocação de talento em excesso, ela gera pouca inovação tecnológica, pouca novas ideias. Tem um estudo que eu gosto muito, feito pelo Chang-Tai Hsieh e co-autores, que é um economista de Chicago, que eles mediram, nos Estados Unidos, o que aconteceu quando você permitiu que mulheres e pessoas negras pudessem entrar em atividades como medicina, advocacia, negócios, etc. Então a ideia deles era: “Olha, a habilidade intrínseca das pessoas não varia pela cor da pele. A gente não tem nenhuma evidência, por exemplo, de que o Q.I. ou o potencial de alguém seja correlacionado nem com cor da pele, nem com o gênero da pessoa, nem com outras características biológicas”. E eles mostram que o ganho de produtividade da economia americana é gigante, e muito do que aconteceu entre os anos 70 e 90 se deve a essas novas pessoas talentosas poderem estar em atividades que elas não podiam antes.

Vitor Hugo Brandalise: Você comentou que anda fazendo estudos sobre os efeitos da desigualdade diferentes desses que a gente está... que a gente pensa normalmente. Então, fiquei muito curioso que a gente estava conversando antes: que estudos são esses que você está fazendo agora sobre desigualdade?

Claudio Ferraz: Na verdade, o que eu estou mais curioso, que eu quero - uma das coisas, assim, objetivo para para os próximos anos - é trazer de volta à economia política entender o efeito da relação entre desigualdade e economia política, né? Ou seja, parte da desigualdade em países como o Brasil, como a África do Sul, ou seja, países que são muito desiguais, não é uma coincidência

que você não consiga reduzir a desigualdade. Não é uma coincidência que o Brasil tenha uma medida de desigualdade, ou que a África do Sul tenha uma medida de desigualdade que são as mesmas há 50 anos, e que, mesmo com a democratização - na teoria, digamos aí, de volta, a teoria nos diria - que a democratização, ao permitir que pessoas mais pobres...

Por exemplo: com a democratização brasileira, você permitiu que os analfabetos votassem pela primeira vez. O Brasil foi o último país a permitir que analfabetos votassem. Você esperaria que isso tivesse um efeito muito grande, porque agora você está dando voz e políticos iriam responder a essa voz. No entanto, quando você olha para o que aconteceu na desigualdade nos últimos 40, 50 anos no Brasil, continua em patamares que é campeão mundial. O Brasil continua sendo um dos países mais desiguais do mundo. Então, a ideia é tentar entender como é que política interage com isso, e quanto que desigualdade dentro da política, em parte, consegue explicar a desigualdade econômica.

E aí, para isso, você tem que abrir uma caixa que é tentar entender, bom, quem se candidata a ser político no Brasil. E aí você precisa medir de onde essas pessoas estão vindo. Historicamente, se é uma coisa nova, se é uma coisa que tem persistido ao longo do tempo. Quando você olha no Congresso, você... com muita frequência você: "Ah, fulano é filho de". Então, assim, o papel de dinastias políticas no Brasil, ele é gigante. É uma barreira de entrada muito, muito grande para novas participações. Então, é um pouco por aí. Ou seja: é entender como é que desigualdade econômica tem um efeito sobre de igualdade política, entendendo quem é que concorre, quem é que é eleito no Brasil, e coisas desse tipo.

Vitor Hugo Brandalise: E que tipo de conclusão que dá para pensar em chegar, assim? Não sei, hipóteses?

Claudio Ferraz: Eu acho que tem duas coisas diferentes. Uma é você simplesmente mostrar e tentar entender essa relação, o quão relevante é. Isso explica 80% ou explica 20%? Então, em termos de magnitude, então isso seria uma coisa. A outra coisa é você tentar pensar em como você faz para modificar isso. Então, por exemplo, a gente fez um estudo, o último, na verdade, de tudo o

que eu fiz, foi uma colaboração com o Renova BR, de Renovação Política, uma organização tentando renovar a política brasileira, através de trazer gente que - a princípio - não seriam pessoas que entrariam na política. Então, uma forma seria você se perguntar: será que você consegue passar os partidos políticos através de mecanismos de renovação como esse?

O que a gente mostra nesse estudo que a gente fez em colaboração com [o Renova], usando os dados deles, é que você tem um efeito gigante do que eles fizeram. Ou seja, do processo de seleção e de treinamento, de conseguir eleger pessoas. Então, eles conseguiram trazer gente nova para a política que, a princípio, não necessariamente teria entrado pelos canais tradicionais. Porém, ainda tem um caminho enorme para andar, de você trazer gente para a política que é gente que não tem participação, seja pela renda, seja por de onde vem regionalmente, seja pela cor da pele, seja pelo gênero e coisas desse tipo. Então, acho que essas duas coisas: uma é entender o papel, realmente, que a desigualdade tem, e o outro é pensar de que forma que você pode tentar aumentar a igualdade no acesso à participação política, não só de votar, mas de participar efetivamente.

Branca Vianna: E aí eu imagino que tenha um pouco isso de você tentar entender o comportamento humano, que a gente estava falando lá atrás, que aí você começa a ter pessoas novas entrando na política - você, provavelmente... - eu estou fazendo a minha hipótese aqui, também. Você vai ter uma reação do outro lado, você vai ter uma reação dos partidos e dos caciques, das dinastias e tal para reagir a isso, por exemplo, fazendo uma reforma eleitoral que crie barreiras. Então você tem que pensar nesse tipo de coisa também, né?

Claudio Ferraz: Com certeza. A dificuldade de você mudar coisas é porque as próprias elites vão ir mudando as estratégias e receitas ao você implementar políticas públicas. Então você sempre tem que pensar, quando você implementa uma reforma, como é que as pessoas vão reagir. Eu acho que o maior exemplo disso do Brasil, que eu gosto de pensar, foi a reforma de contribuições de campanha. Onde, depois da Lava Jato, teve esse grande escândalo, que o grande causador de corrupção no Brasil é porque as empresas financiam as campanhas dos políticos - vamos acabar com isso - então foi proibido o

financiamento de campanha.

E aí foi proibido financiamento de campanha, os políticos primeiro ficaram olhando, demorou um tempinho até eles entenderem que o dinheiro tinha desaparecido. E aí, o que eles fizeram depois? Eles criaram o grande fundo eleitoral, que é uma quantidade enorme de recursos, hoje, que vai, e que vai sem nenhum tipo de *accountability*, de responsabilização, e além do mais, sem nenhum tipo de democracia, porque quem manda são os donos dos partidos. Então, você pode pensar que na verdade essa reação, em muitos casos, eu não sei se eu vou argumentar que é pior do que o que você tinha antes, mas não necessariamente é melhor. Pode ser que seja pior.

Branca Vianna: E isso afeta a entrada de pessoas não brancas, de mulheres, de pessoas de regiões mais pobres na política, né? Porque o cacique é que decide, o cacique não vai escolher uma mulher, não vai escolher uma pessoa negra.

Claudio Ferraz: Completamente.

Branca Vianna: “O meu coleguinha”.

Claudio Ferraz: E mesmo a gente... eu fiz um trabalho também com umas alunas de doutorado e a gente olhou isso exatamente para o caso de mulheres, porque no caso de mulheres, você teve no Brasil uma reclamação que chegou até o Supremo, que era: como é que você tem uma cota para mulheres candidatas no Brasil de 30%, mas não adianta nada, porque as mulheres não recebem dinheiro? E o Supremo tomou uma decisão que era: os partidos políticos precisam dar 30% do dinheiro arrecadado precisa ir para as mulheres.

Então você imaginaria que isso geraria um efeito gigante de que de repente as mulheres vão ter muito mais dinheiro, e vai ter um efeito gigante sobre a eleição de mulheres para o Congresso, para as assembleias legislativas estaduais, para a câmara de vereadores, etc. E não aconteceu esse efeito gigante. Em parte, não aconteceu esse efeito gigante porque a própria lei, a maneira como ela é

estruturada, permite que eu dê todo dinheiro para uma mulher, por exemplo. Então, eu posso dar todo o dinheiro para uma mulher que já era deputada de qualquer maneira, zero para as outras, e isso, na prática, não vai ter feito nenhum. Eu vou reeleger aquela que já estava ali e na margem não vai ter nenhum efeito adicional em trazer, por exemplo, novas mulheres para a política.

Vitor Hugo Brandalise: Enfim, economia política também estuda o comportamento dos agentes políticos. Então tem uma coisa bem factual que está rolando agora, e eu queria tentar entender à luz da sua especialidade. Agora que o Trump está fazendo uma guerra comercial contra o Brasil, claramente com fins políticos, parece relevante essa tua área para tentar entender o que está acontecendo. Então, como é que essa sua área de especialidade pode ajudar a pensar, a entender esse momento, e que lições a gente pode tirar em relação aos agentes políticos brasileiros? Como reagir a isso?

Claudio Ferraz: Então, assim, eu acho que tem uma parte disso que é entender como é que relações comerciais são afetadas pela política. Agora, tem uma segunda parte, que é entender os efeitos que isso tem nos diferentes países, digamos assim, localmente. Quem se beneficia e quem não se beneficia. E aí eu acho que é uma área que a gente, assim, a gente tem alguma evidência, a gente entende um pouco, mas ainda não muito. Porque, por exemplo, mesmo se você pensar a visão que o eleitor brasileiro tem sobre quão nacionalista o país deveria ser ou não, ela depende muito, primeiro, do impacto econômico que isso vai ter.

Obviamente, se você conseguir entender que o que as tarifas no Brasil vão fazer é reduzir produção e deixar gente desempregada, as pessoas vão demandar algum tipo de resposta a isso. Então, por exemplo, um choque comercial que vá afetar de maneira diferencial diferentes indústrias e diferentes pessoas, isso é o tipo de coisa que eu estudaria: como é que isso vai afetar, por exemplo, a eleição do ano que vem? As pessoas vão entender que eles perderam o emprego por culpa do Trump, ou eles vão achar que foi o Lula, por exemplo, que não fez alguma coisa e por isso que elas perderam o emprego? Então, esse tipo

de perguntas é exatamente o que eu estudo. Como as pessoas atribuem causa e efeito a diferentes políticas que afetam elas no dia a dia.

Vitor Hugo Brandalise: Tem um dos seus trabalhos que é justamente sobre isso, é sobre como as compras públicas podem aliviar restrições de demanda de pequenas e médias empresas e promover crescimento. Então, eu fiquei tentando fazer um jogo também com o que está acontecendo agora, pensando nesse momento político em que tem uma pressão em cima das exportações. Então, esse aprendizado dos seus trabalhos nessa questão de consumo interno pode ajudar a encontrar uma saída?

Claudio Ferraz: Pode, com certeza. Essa é uma pergunta importante, na verdade, que, assim, tem um grande debate e discussão em economia. Que é: qual é realmente o papel do governo do Estado em geração de atividade econômica e criação de emprego? E quanto que isso tira a atividade econômica privada, ou seja, substitui a atividade econômica privada, e quanto que ela é complementar à atividade econômica privada. E aí é uma discussão muito ideológica. No Brasil, então, assim, escolas de economia de universidades diferentes, e aí você categoriza ortodoxo, heterodoxo, esquerda e direita. Mas é uma discussão muito pouco pragmática, é uma discussão assim... muito dessa discussão no Brasil, ela é quase fundamentalista.

E o que a gente fez, por exemplo, nesse trabalho das compras públicas, é ser totalmente agnóstico. Vamos pegar um contexto onde a gente consiga estimar, quando o governo está gastando dinheiro, o que acontece com as empresas e o que acontece com o emprego - de novo, a gente traz essa ideia do experimento natural para esse trabalho: a maneira como a gente traz isso é que essas compras públicas no Brasil acontecem através de um leilão. E aí, basicamente você tem empresas que querem receber esses contratos do governo, para produzir mesas e vender mesas para o governo, ou cadeiras, ou pneus de carro, ou computadores. E algumas ganham e outras perdem, mas por muito pouquinho. E a maneira como o governo faz esses leilões cria essa variação quase aleatória, onde a gente pode fazer essa comparação.

E a gente se pergunta de maneira agnóstica o que acontece com uma empresa que ganhou um contrato, e a gente mostra que, às vezes, empresas que ganham esses contratos efetivamente, elas crescem mais, elas geram mais emprego e elas crescem mais, não só no curto prazo, porque elas mecânicamente vendem para o governo, contratam pessoas, mas elas crescem mais porque com esse dinheiro elas conseguem fazer mais investimentos, elas conseguem ter mais novos compradores, elas conseguem melhorar a capacidade logística delas de entregar produtos, etc, etc. E esse é um resultado que é interessante. Quando a gente começou esse trabalho, não tinha quase nenhum trabalho mostrando isso. E hoje em dia você tem trabalhos em vários contextos diferentes, desde os Estados Unidos até Uganda, mostrando a importância de compras públicas na complementaridade da atividade econômica.

Vitor Hugo Brandalise: Um perfil seu que saiu na revista Piauí em 2019, falava de um colega seu, o Pablo Querubim, que disse certa vez que gosta dos teus *papers* porque lhes trazem uma mensagem positiva no final. Aí, naquele momento, você respondeu que é porque o sistema funciona em várias dimensões. Essa resposta foi em 2019. Eu queria perguntar se hoje, depois do Bolsonaro no Brasil, e com o segundo mandato do Trump, por exemplo, se você ainda acredita no funcionamento do sistema, e se os finais dos seus trabalhos continuam assim tão positivos.

Claudio Ferraz: Quando você pega o Brasil, e você vê o Brasil no sentido assim, macro, eu acho que tem vários motivos para você ficar pessimista, mas eu acho que tem muitas coisas incríveis acontecendo também. Não foi à toa que a capa da Economist dando o Brasil como um exemplo de como é que o Supremo está lidando com a questão Bolsonaro saiu à tona, porque você tem ali diversas manifestações de resiliência da democracia brasileira, e como as instituições funcionam apesar de tudo, apesar da polarização, apesar da corrupção, apesar dessas coisas, onde muitas dessas instituições continuam muito resilientes. Eu acho que o Judiciário brasileiro, pelo menos nesse caso, apesar de, enfim, acho que a gente não tem nem tempo para entrar em problemas e coisas negativas, mas tem esse aspecto positivo.

Outro aspecto positivo acho que também é o papel da mídia no Brasil, a mídia, digamos, profissional, o papel que ela cumpre. Quem é que encontra escândalos de corrupção? Esse escândalo, por exemplo, do INSS, continua sendo a mídia profissional, jornalistas pagos, etc, que, apesar de tudo, apesar da circulação de jornais estar despencando e das dificuldades, continuam ali, fazendo seu trabalho de maneira independente. Então, essas são as partes que você olha que eu acho que são muito legais. E tem uma parte da sociedade brasileira que também eu acho que é incrível, quando você olha assim um pouco mais micro e regional, que é realmente a resiliência e a criatividade. Quando você vê como as favelas reagiram, organizações próprias ali, ao Covid, por exemplo, se organizando, fazendo as coisas.

Você vê coisas interessantes acontecendo na Amazônia, por exemplo, de ir lutar contra a extração ilegal de ouro, mesmo no contexto onde tinha um governo Bolsonaro tentando a todo custo ali fomentar o máximo de atividade ilegal possível. Então, assim, eu continuo achando que tem muitas coisas positivas e interessantes acontecendo, e mesmo no meu trabalho eu continuo encontrando algumas dessas coisas. Aí eu já não sei, ou já tenho um faro antes de só estudar coisas que são positivas, aí eu já não sei, ou se, realmente, muitas das experiências interessantes inovadoras institucionalmente no Brasil, elas são muito legais, e são vistas lá fora como... Você vai lá fora, você fala sobre Bolsa Família.

Tem muitas iniciativas brasileiras, o SUS, por exemplo, que aqui as pessoas vivem xingando, lá fora é visto muitas vezes como uma coisa incrível para um país de renda per capita que o Brasil tem, é um exemplo. Então, eu acho que tem muitas coisas que, às vezes, a gente esquece. A gente fica um pouco, ali no curto prazo, olhando as tragédias, tem muita coisa ruim, etc. Mas acho que quando você dá um passo atrás e você vê o que aconteceu no Brasil nos últimos 30 anos, tem muita coisa incrível que aconteceu, e aí acho que a gente tem que também valorizar essas coisas.

Branca Vianna: E a gente tem que encerrar aqui antes que vire.

Vitor Hugo Brandalise: É que vale a pena estudar coisa boa, né?

Branca Vianna: É!

Vitor Hugo Brandalise: Tá bom.

Branca Vianna: Obrigada, Claudio .

Claudio Ferraz: Obrigado. Foi ótimo.

Branca Vianna: Gostei de acabar num...

Vitor Hugo Brandalise: Num tom positivo, né?

Branca Vianna: É! Coisa rara por aqui!

Branca Vianna: Obrigada por ouvir o Fio da Meada. No site da Rádio Novelo você pode encontrar a transcrição do episódio. E se você quiser saber mais sobre o Fio da Meada, a gente está no Instagram, no Threads, no X e no Bluesky, sempre no @radionovelo.

Você pode seguir a gente por lá, e também na plataforma onde você está ouvindo esse episódio. Lembrando que sempre dá para deixar um comentário sobre essa conversa nas nossas redes e também na Apple, no Spotify ou no Youtube. Você também pode escrever pra gente no e-mail fiodameada@radionovelo.com.br pra mandar sugestão de entrevista, fazer crítica, comentário, elogio, o que você quiser. O Fio da Meada é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda segunda-feira.

A coordenação e produção são da Évelin Argenta e da Ashiley Calvo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca.

A edição executiva é da Natália Silva.

A gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A gerência de parcerias é da Luiza Sahd.

A montagem desse episódio é da Evelin Argenta.

A sonorização e a mixagem são da Júlia Matos.

A música original é da Luna França.

O apoio de produção é do Vitor Hugo Brandalise, da Bia Guimarães, da Sarah Azoubel, da Bárbara Rubira, da Carolina Moraes, do Vinicius Luiz e da Isabel de Santana.

A produção desse episódio foi do Vitor Hugo Brandalise.

O desenvolvimento de produto e audiência é da Bia Ribeiro.

A identidade visual é da Natasha Gompers.

A coordenação de ilustração e design é do Gustavo Nascimento, a análise administrativa e financeira é da Thainá Nogueira,

A checagem é da Caroline Farah,

e a revisão de transcrição é da Flora Vieira.

Obrigada, e até a semana que vem.